

COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL CINESTÉSICA: COMUNICAÇÃO SOCIAL HÁPTICA E A INCLUSÃO

KINESTHETIC INTERCULTURAL COMMUNICATION: *HAPTIC SOCIAL
COMMUNICATION AND INCLUSION*

COMUNICACIÓN INTERCULTURAL CINESTÉSICA: *COMUNICACIÓN
SOCIAL HÁPTICA E INCLUSIÓN*

Adriana Barroso de Azevedo

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1993), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (1997) e doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2002), pós doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015).

João Paulo Navega Roque

Mestrando em educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, possui licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora e em Matemática pela Universidade Paulista. É especialista em Língua Brasileira de Sinais, Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Educação Inclusiva, Neurociências e Educação, Altas Habilidades/Superdotação e Revisão de Textos.

RESUMO

O presente artigo é fruto das pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Inclusão e Comunicação Social Háptica – GEPICSH e tem como objetivo mostrar as características da comunicação social háptica enquanto uma possível forma de comunicação tátil-cinestésica que pode se configurar com aspectos de língua. No presente texto, apresenta-se um paralelo entre a língua portuguesa, a Libras e a comunicação social háptica e tem como referência o trabalho de Vilela (2018; 2022); Goldfeld (2002); Pizio e Quadros (2024); Trevisan (2012); Volpato (2023); Le Bretton (2019); Palmer e Lahtinen (1994; 2005). A metodologia escolhida foi a pesquisa narrativa, seguindo os pressupostos de Clandinin e Connelly (2015); Creswell (2010). Tendo como fonte das narrativas os encontros realizados pelo GEPICSH. Os resultados encontrados demonstram que há uma campo fértil para esta pesquisa e que há a necessidade de mais trabalho que tenham o tema aqui levantado como foco.

Palavras-chave: Inclusão; Comunicação Social Háptica; Cinestesia.

ABSTRACT

This article is the result of research conducted by the Research Group on Inclusion and Haptic Social Communication (GEPICSH). It aims to demonstrate the characteristics of haptic social communication as a possible form of tactile-kinesthetic communication that can be structured with language aspects. In this text, a parallel is drawn between the Portuguese language, Brazilian Sign Language (Libras), and haptic social communication, based on the works of Vilela (2018; 2022); Goldfeld (2002); Pizio and Quadros (2024); Trevisan (2012); Volpato (2023); Le Breton (2019); Palmer and Lahtinen (1994; 2005). The chosen methodology was narrative research, following the assumptions of Clandinin and Connelly (2015) and Creswell (2010). The narratives were sourced from meetings conducted by GEPICSH. The results indicate fertile ground for further research and highlight the need for more studies focusing on this topic.

Keywords: Inclusion; Haptic Social Communication; Kinesthesia.

RESUMEN

Este artículo es el resultado de las investigaciones realizadas por el Grupo de Investigación en Inclusión y Comunicación Social Háptica (GEPICSH). Tiene como objetivo demostrar las características de la comunicación social háptica como una posible forma de comunicación táctil-cinestésica que puede estructurarse con aspectos de lengua. En este texto, se establece un paralelismo entre la lengua portuguesa, la lengua de señas brasileña (Libras) y la comunicación social háptica, tomando como referencia los trabajos de Vilela (2018; 2022); Goldfeld (2002); Pízio y Quadros (2024); Trevisan (2012); Volpato (2023); Le Breton (2019); Palmer y Lahtinen (1994; 2005). La metodología elegida fue la investigación narrativa, siguiendo los supuestos de Clandinin y Connelly (2015) y Creswell (2010). Las narrativas fueron obtenidas de encuentros realizados por GEPICSH. Los resultados muestran un campo fértil para esta investigación y destacan la necesidad de más estudios que aborden el tema aquí planteado.

Palabras clave: Inclusión; Comunicación Social Háptica; Cinestesia.

INTRODUÇÃO

Incluir é desafiador. A frase que abre o presente artigo pode parecer clichê, mas expressa com clareza o que é o processo de inclusão, desafiador. As próximas linhas trarão um pouco da experiência dos autores na busca de possibilidades para promover a inclusão, tendo como foco a pessoa com surdocegueira.

Traremos para o leitor um pouco do nosso curso, decurso e percurso dentro da inclusão e na descoberta da comunicação social háptica (CSH) como uma ferramenta em potencial para a inclusão. Direcionaremos o presente texto para uma análise do uso da CSH por pessoas com surdocegueira. Entretanto, este não é o único público que pode se beneficiar com esta forma de comunicação intercultural e cinestésica. Abordaremos melhor este conceito nas próximas sessões.

A busca por formas de incluir é uma busca constante e repleta de desafios e exige que o nosso olhar para aquele indivíduo, foco do processo inclusivo, vise entender a sua individualidade.

Cada ser humano é único e quando nos deparamos com o processo de inclusão e comunicação, este pensamento deve se manter sempre vívido. Afinal, lidaremos com os mais diversos perfis e com as mais variadas narrativas.

Utilizaremos como metodologia a pesquisa narrativa, pois ao narrar temos a oportunidade de revisitar nossas experiências significando e as ressignificando.

Nesta perspectiva o problema de pesquisa compartilhado neste artigo consiste em: O que emerge de pessoas sem comunicação verbal quando estas utilizam a comunicação social háptica?

Nessa perspectiva, Vilela (2022) nos chama à reflexão sobre o narrar, pois este se encontra conectado com o que somos. Patiremos das narrativas de 5 personagens distintos, aqui serão identificados como Professora, Participante 1, Participante 2, Participante 3 e Participante 4.

METODOLOGIA: A PESQUISA NARRATIVA

Faz-se necessário uma seção específica para a metodologia no presente trabalho, porquanto partimos da premissa da pesquisa qualitativa em caráter exploratório com o uso da pesquisa narrativa:

A pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com o investigador tipicamente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes. Isso introduz uma série de questões estratégicas, éticas e pessoais ao processo de pesquisa qualitativa (Lucke et al apud Creswell, 2010, p. 211).

A pesquisa narrativa ainda é pouco conhecida e difundida dentro do ambiente da pesquisa no cenário brasileiro. Ela nos permite a imersão da experiência humana retrospectiva, introspectiva e prospectiva. Retroceder nos permite rever e analisar, desvendar, e assim traçar novos caminhos.

Clandinin e Connelly (2015) nos auxiliam na reflexão sobre as narrativas que emergem em âmbitos pessoais e sociais, do viver, do reviver, do contar, do pesquisar, do aprender e compartilhar. Os pesquisadores canadenses dividem didaticamente o movimento narrativo em três campos, chamado de espaço tridimensional que consiste em: (1) temporalidade, (2) o pessoal e o social e (3) lugar. Os autores defendem a importância de valorizar esse espaço tridimensional na investigação narrativa de si e do outro (Clandinin; Connelly, 2015 p.85 *apud* Vilela, 2022, p. 18)

Tendo por base ideia dos autores, entendemos que a narrativa não se desvencilha da nossa vida. O pesquisador e o ser humano são os mesmos e coabitam em um mesmo espaço. A nossa experiência de vida tem forte influência nos caminhos e direcionamentos da nossa pesquisa. Não é possível separar um do outro, as narrativas se entrelaçam e se completam.

Essa pesquisa compreende a pergunta: O que emerge de pessoas sem comunicação verbal quando estas utilizam a comunicação social háptica?. E conta com a participação de 5 personagens que se misturam com as experiências dos autores e nos auxiliam na compreensão daquilo que defendemos como premissa da experiência por meio das narrativas:

[...] A narrativa é tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação-formação, porque parte das experiências e dos fenômenos advindos das mesmas. O que é a educação senão a construção sócio-histórica e cotidiana das narrativas pessoal e social? Daí a emergência e a utilização, cada vez mais crescente das autobiografias das biografias educativas em contextos de pesquisa na área educacional. A crescente utilização da abordagem biográfica em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos (Souza, 2006. p.136).

A pesquisa narrativa, nos permite, a partir de nossas experiências, levantar os aspectos empíricos da pesquisa e conciliá-los com os conceitos teóricos já presentes na literatura. Partindo da experiência e nos debruçando sobre o que a pesquisa nos apresenta enquanto dados significativos, construímos novos conhecimentos e novas formas de significar a pesquisa e de torná-la útil para o meio social.

[...] A narrativa é tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação-formação, porque parte das experiências e dos fenômenos advindos das mesmas. O que é a educação senão a construção sócio-histórica e cotidiana das narrativas pessoal e social? Daí a emergência e a utilização, cada vez mais crescente das autobiografias das biografias educativas em contextos de pesquisa na área educacional. A crescente utilização da abordagem biográfica em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos (Souza, 2006. p.136).

Clandinin e Connelly (2015) nos apresentam com clareza a relevância da pesquisa que tem como premissa o experienciar. Na visão dos autores percebemos a presença de uma visão de todos os ângulos possíveis dentro da pesquisa que se pauta na narrativa. Além de perceber a valorização do indivíduo e seu meio como partes essenciais na construção de novos conhecimentos.

A surdocegueira chegou em nossas vidas de repente e em momentos diferentes para cada um de nós. Nossas experiências do primeiro contato com o surdocego foram únicas, contudo nos trouxe a um mesmo local de encontro. Hoje, compomos o Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Comunicação Social Háptica (GEPICSH), dentro da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E é dessa experiência enquanto grupo que iremos aqui apresentar.

A SURDOCEGUEIRA

A surdocegueira é entendida como uma deficiência na qual há a perda de dois sentidos sensoriais: a visão e a audição. Esta pode apresentar os mais diversos graus e as mais diversas formas de comunicação.

A surdocegueira é caracterizada pela ausência parcial ou total concomitante dos sentidos sensoriais auditivos e visuais. Algumas pessoas arrazoam que devido essa junção de perdas sensoriais, a surdocegueira é uma deficiência múltipla, outras ainda, consideram que são duas deficiências separadas. Muitas são as conceituações envoltas nesse tema (Vilela, 2022, p. 68).

O trecho acima nos permite entender que quando temos em foco a surdocegueira, estamos nos referindo a uma deficiência que afeta dois sentidos ao mesmo tempo. É importante ressaltar esta questão, pois ainda há muitas dúvidas quanto à sua definição.

O termo surdocegueira refere-se à combinação dos comprometimentos sensoriais auditivo e visual, em diferentes graus, na mesma pessoa, com implicações no processo de aquisição ou aprendizagem linguística. A presença da surdocegueira impede ou limita o acesso à informação auditiva e visual, altera os processos de interação social e modifica a orientação e mobilidade da pessoa nos espaços sociais. [...] (Cader-Nascimento, 2021, p. 25).

As pessoas com surdocegueira necessitam de formas de comunicação específicas que devem ser pensadas e utilizadas de acordo com a necessidade de cada surdocego. Cada surdocego tem sua própria forma de comunicação e cabe àqueles que os atendem, entender qual é a forma mais eficaz para cada indivíduo.

Focaremos na Comunicação Social Háptica (CSH), foco de estudo do nosso grupo de pesquisa, que é utilizada com estrutura de língua na Finlândia, como pode ser visto em Lahtinen (1994; 2005), e como complemento da Libras-Tátil, de acordo com Araújo (2019).

As possibilidades comunicacionais da CSH ainda são pouco conhecidas no solo brasileiro, e por este motivo entendemos que ela seja um sistema de comunicação intercultural, pois as referências que temos utilizado nos nossos estudos são oriundas da Noruega e da Finlândia. Buscamos trazer os conceitos para a nossa realidade cultural e aplicar na nossa atuação com o surdocego.

O tato é o sentido mais aguçado na pessoa com surdocegueira. É através dele que a pessoa com surdocegueira significa o seu mundo. É claro que cada surdocego é único e as formas de comunicação vão ser escolhidas de acordo com a forma de aquisição da surdocegueira.

A comunicação social háptica transporta inúmeras possibilidades de interação e completude de informações. No papel de guia-intérprete tenho vivenciado a oportunidade de experimentar a comunicação no outro e perceber o quanto ela é significativa, quando na expressão capturo o entendimento das informações. No papel de pesquisadora-formadora, o compartilhamento das descobertas e das práticas que tenho desenvolvido se tornam relevantes, pois no contato com o outro tenho caminhado para as minhas práticas e desenvolvido novas percepções (Vilela, 2022, p. 91).

A experiência da autora nos permite perceber o quão a CSH permite ao guia-intérprete transpor os limites de comunicação impostos a pessoa com surdocegueira. A grande virada de chave que se percebe ao analisarmos as possibilidades comunicacionais da CSH é poder perceber a possibilidade de adaptá-la às mais diversas culturas, conforme pode-se perceber na narrativa abaixo:

Então, quando eu estou com a Comunicação Háptica, eu entendo exatamente tudo aquilo que está acontecendo, todas aquelas informações que não são linguísticas. Esse toque faz com que eu tenha acesso a todas essas informações que a Libras Tátil não me dá. Eu creio que é muito importante, tanto a Comunicação Háptica, como a Libras Tátil, porque elas fazem com que eu atue a minha memória e lembre de imagens visuais que complementam a informação (Participante 1).

Ao definirmos a CSH como uma comunicação intercultural cinestésica, temos em mente o fato de que, de acordo com Le Breton (2016), “o sentido do tato engloba o corpo em sua inteireza, espessura e superfície” (Le Breton, 2016, p.203 *apud* Vilela, 2018, p. 93), o “corpo é a profusão da sensível” (Le Breton, 2016, p.10, *apud* Vilela, 2018, p.92), sendo assim, são inúmeras as possibilidades comunicacionais que emanam do tato.

Às vezes estava com as minhas mãos ocupadas, então automaticamente fomos desenvolvendo maneiras de nos comunicar. Quando eu tive a oportunidade de fazer o curso com o [...], e nós fomos aprendendo novos sinais, foi incrível, porque hoje eu uso as vezes os sinais. Muitos sinais acabamos não usando; mas, as coisas que aprendemos nos auxilia sim (Participante 2).

“O sentido cinestésico é evidenciado pela percepção e o contato com o outro, a pessoa com surdocegueira atribui ideias e constitui pensamentos pela captação e apreensão das informações, assim a aprendizagem acontece por meio do corpo” (Vilela, 2022, p. 105).

[...]vou explicar como é a guia-interpretação. Sim eu sou surdocego e sou casado, a Charlie interpreta para mim, e aprendemos alguns sinais de comunicação háptica, por exemplo, ‘ ‘espera’ ’, às vezes ela está com as mãos ocupadas, no dia a dia ela usa esse sinal de esperar para mim. É muito importante essa comunicação e a prática. Porque o surdocego ele não está vendo, então ele precisa desse engajamento, esse envolvimento, para não ficar em defasagem. Precisa dessa igualdade, então a comunicação, a Libras tátil, esse toque, esse contato, essa interpretação, é muito importante, eu queria agradecer (Participante 3).

Baseado no que a autora nos permite inferir, e também no que foi apresentado na sua tese de doutoramento, já se é possível entender a a cinestesia com uma possibilidade na busca do entendimento de uma língua natural para a pessoa com surdocegueira partindo unicamente do tato.

Vilela (2022) traça um paralelo entre os parâmetros fonológicos da Libras, da língua portuguesa e da CSH e estabelece, mesmo que de forma inicial, a possibilidade de possíveis parâmetros fonológicos para a CSH. Além disso, o trabalho de Lathinen (2008), permite inferir a possibilidade de se pensar na estruturação da CSH enquanto língua, uma língua que temos como principal fonte de recepção, o tato, aquilo que é cinestésico.

Os parâmetros fonológicos podem ser identificados na CSH, assim como é possível identificá-los na Libras e na língua portuguesa. Vilela (2022)

reforça que a manifestação destes na CSH, difere da manifestação na Libras. Há muito mais possibilidades de configuração de mãos na Libras, se comparada com a CSH. Isto se deve pela forma de recepção da língua no surdocego. Para ele, a recepção se dá através do tato, e algumas formas de mãos não são distinguidas com facilidade pelo surdocego.

Outros parâmetros elencados pela autora são a orientação e direcionalidade, movimento e as expressões não manuais/corporal. A percepção destes parâmetros dentro da CSH difere da forma como eles são percebidos dentro da Libras. Deve-se levar em consideração a forma de recepção do indivíduo surdocego. É a partir desta perspectiva que se torna possível identificar e entender os parâmetros fonológicos contidos na CSH. Vilela (2023) propõe nominar os parâmetros fonológicos na CSH como parâmetros cinestésicos. No quadro 1, a autora traça um paralelo entre Língua Portuguesa, Língua Brasileira de Sinais e Comunicação Social Háptica.

Quadro 1 - Comparação Composição Linguística

Comparação Composição Linguística			
Formas de Comunicação	Público	Unidades mínimas	Formação Final
Língua Portuguesa	Ouvinte	Fonemas	Palavras
Língua Brasileira de Sinais	Surdo	Quiremas	Sinais
Comunicação Social Háptica	Pessoa com surdocegueira	Haptemas	Haptices

Fonte: Vilela (2022).

O quadro apresentado por Vilela (2022) é também fruto do trabalho realizado pelo grupo de pesquisa idealizado pela autora e coordenado pela professora doutora Adriana Barroso. Ele apresenta uma busca por conexões entre a língua portuguesa e a Libras, línguas já consagradas e que já dispõe de estatus linguístico, com as relações fonológicas/cinestésicas percebidas na CSH.

A percepção dos parâmetros fonológicos/quirológicas para o surdo está patente aos olhos quando observam os sinais executados. No caso dos parâmetros cinestésicos defendidos aqui poderá levantar questionamentos sobre a percepção da pessoa com surdocegueira referente às nuances e mínimas diferenças entre um movimento e outro, entre uma configuração e outra (Vilela, 2022, p. 159).

Volpato (2022) também aborda a CSH através de uma perspectiva de língua. Em seu trabalho, a autora apresenta e discorre sobre como acontece a percepção dos haptemas pelo tato (na pele), na perspectiva do receptor da língua.

A pele humana é inervada por diferentes receptores táteis (Gallace e Spence 2014, 19–35). Um estímulo que ocorre na pele é traduzido em sinais neurais pelos mecanorreceptores. Tais receptores são caracterizados por órgãos finais especializados que circundam os terminais neurais e são responsáveis pela transdução de informações do mundo externo em sinais elétricos (Lumpkin, Marshall e Nelson 2010; Gallace e Spence 2014, 21). Um estímulo mecânico entregue à superfície do corpo provoca uma deformação da pele que, por sua vez, causa uma deformação do órgão final de um neurônio sensorial (Lumpkin, Marshall e Nelson 2010). Se a deformação da pele atingir um determinado limiar, gera os chamados “potenciais de ação”, que são traduzidos em sinais neurais e depois transferidos para centros de processamento superiores dentro do sistema nervoso central por meio de fibras neurais específicas (Gallace e Spence 2014, 21) (Volpato, 2022, p. 4).

A pele é a receptora da CSH, e partindo do entendimento da CSH enquanto língua, necessita-se entender as possibilidades linguísticas que o tato proporciona ao usuários desta língua. É possível, perceber nos trabalhos de Vilela (2022), Volpato (2023) e Lathinen (2023), que os parâmetros cinestésicos estão presentes na CSH.

[...] vou contar um pouco do que eu vivi. [Minha filha] era um bebê ainda, ela não caminhava, mas no colo ela já entendia e percebia a dificuldade da surdocegueira, então ela já era uma guia-intérprete. Como é o processo do desenvolvimento humano, ela era bebê, sentada no braço do pai dela. Ela já o guiava, e colocava a mãozinha na nuca e direcionava ele onde ela queria (Participante 4).

A narrativa do Participante 4, nos permite perceber a aplicabilidade do que é apresentado por Vilela (2022), quando traz a questão da cinéstesia e entende o tato como uma forma receptora da informação. Na narrativa, percebemos que, a surdocegueira trouxe limitações para o pai, mas que desde muito cedo, a própria criança entendeu como utilizar-se do tato para conseguir se comunicar com o seu pai (surdocego).

A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Todo ser humano nasce capaz de adquirir linguagem, indiferente da forma como essa linguagem será percebida, o cérebro humano nasce com a capacidade de desenvolver a linguagem. Entretanto, para isso, é necessário que haja estimulação. Os fatores ambientais serão cruciais no processo de aquisição de linguagem.

A linguagem possui, além da função comunicativa, a função de constituir o pensamento. O processo pelo qual a criança adquire a linguagem, segundo Vygotsky, segue o sentido do exterior para o interior, do meio social para o indivíduo. Esta visão é compartilhada por Bakhtin, que afirma ser a linguagem, os signos, os mediadores entre a ideologia e a consciência (Goldfed, 2002, p.56).

A pessoa que conta com todos os sentidos desenvolvidos, adquirirá a linguagem, tendo como principal fonte de percepção, a auditiva. Já a pessoa que nasce surda, tem como principal fonte perceptiva, a visão. Logo, o ouvinte precisa ser estimulado auditivamente, para desenvolver sua linguagem e o sujeito surdo, deve ter estímulos visuais.

É claro que estamos assumindo estas como principal porta de entrada para a linguagem, quando temos a pessoa surda e a pessoa ouvinte. Mas, o que se deseja mostrar nesta fala, é que independente do *input*, a linguagem irá encontrar uma forma de se desenvolver e posteriormente se organizar em um determinado código linguístico, seja ele oral, ou sinalizado.

Ao aprofundarmos os conhecimentos de como o processo de aquisição de linguagem acontece, percebemos que existem períodos específicos na vida da criança para a aquisição da mesma. De forma que, quando estes períodos são negligenciados, há o acarretamento de muitos prejuízos.

Antes de darmos sequência, é importante entendermos o que é linguagem, no caso do presente texto, o que é especificamente, linguagem oral. Trevisan et.al (2013), aponta que a linguagem oral “pode ser definida como um sistema finito de princípios e regras que possibilita a um falante codificar significado em sons e que um ouvinte decodifique sons em significado”.

Trazendo para o contexto do sujeito surdo, pode-se entender que a linguagem oral, para o sujeito surdo, é este conjunto de princípios e

regras que vai possibilitar ao sujeito surdo codificar os sinais em significado e que o receptor da informação em sinais, possa decodificá-los em significado.

As investigações delineadas até então indicam que as crianças surdas, filhas de pais surdos, adquirem as regras de sua gramática de forma muito similar às crianças adquirindo línguas faladas. Assim, à medida que avançamos nos estudos, verificamos que a constituição da gramática da criança independe das variações das línguas e das modalidades em que as línguas se apresentam (Quadros, no prelo; Lillo-Martin e Quadros, 2007) (Pizzio; Quadros, 2011, p. 4).

Frente ao exposto pelos autores, concluiu-se que a aquisição de linguagem da pessoa surdo é similar a aquisição de linguagem da pessoa ouvinte. É interessante perceber que esta similaridade só se mostra presente de forma mais evidente quando a criança surda pertence a uma família de pais surdos, e desta forma, terá contato constante com a língua de sinais desde os primeiros anos de vida. A interação com os pares é o principal meio de estimulação para o desenvolvimento da linguagem.

Não se pretende aprofundar nesta questão no presente trabalho, pois ele tem como foco, demonstrar alguns dos resultados que temos alcançado em nosso grupo de pesquisa, que aborda a inclusão e a comunicação social háptica. Desta forma, direcionamos os próximos parágrafos para tentar estabelecer, frente ao que temos desenvolvido no nosso grupo, uma relação da aquisição de linguagem da pessoa ouvinte, a pessoa surda e a pessoa surdocega.

Se analisarmos o contexto, podemos afirmar que o *input* principal da pessoa surdocega é o tato, pois é através do tato que ela dará significado ao mundo. Desta forma, nos atrevemos a adaptar a definição de

Trevisan et. al. (2013) mais uma vez e dizer que a linguagem oral para a pessoa surdocega é o conjunto de princípios e regras que vai possibilitar, a pessoa surdocega codificar as haptices em significado e ao receptor das informações, que serão fornecidas através do tato, a capacidade de decodificar essa haptice.

Um recorte que precisa ser feito, para entender melhor o uso da comunicação social háptica, pensando em aspectos linguísticos, é que esse uso “puro”, se daria de forma mais acentuada, na criança surdocega congênita, onde a estimulação da linguagem teria de ser iniciado totalmente através do tato, pois os sentidos da visão e da audição se mostrariam parcial ou totalmente comprometido.

A grande discussão que permeia nosso grupo de pesquisa é a tentativa de mostrarmos que a CSH pode ser entendida como língua e para isso precisamos partir dos processos de aquisição de linguagem, que posteriormente levará ao processo de aquisição de um determinado código linguístico. Em um de nossos encontros¹, a seguinte indagação de um dos participantes é apresentada, logo no início da reunião:

Já vou começar a aula jogando aí uma indagação. A gente sabe que a língua de sinais durante muito tempo foi tratada enquanto linguagem. E linguagem de sinais, era assim que era falado. Hoje nós temos uma dificuldade muito grande quando falamos que a língua de sinais é uma linguagem porque as pessoas levantam uma questão socio-anropológica muito grande em cima disso, mas na verdade toda língua é linguagem. A diferença da língua, para linguagem é que a língua vai ter uma estrutura sintática, fonológica, morfológica, mas toda língua é linguagem. Nós temos aí a comunicação social como uma

¹ Link do encontro: https://www.youtube.com/watch?v=WwiLkwr4Sjs&embeds_referring_euri=https%3A%2F%2Fclassroom.google.com%2F&source_ve_path=Mjg2NjY

linguagem, ela é uma linguagem porque a gente consegue se comunicar através dela consegue se expressar no mundo através dela. Então, eu creio que o nosso caminho agora é entender quais são as questões fonológicas, as questões morfológicas e a e as questões sintáticas e morfossintáticas da comunicação social háptica. Porquê? Porque as questões semânticas e pragmáticas a gente já viu que funciona. A gente já que socio linguisticamente falando a comunicação social ela é suficiente para comunicar para transmitir a mensagem pra uma pessoa. É claro que ela nunca está sozinha. Então, eu acho que o nosso grande desafio vai ser a comunicação social háptica ela por ela mesma vai conseguir ter uma estrutura linguística para que a gente consiga se comunicar, para que o surdocego consiga se comunicar única e exclusivamente pelo uso da comunicação social háptica (Participante 2).

A narrativa do participante 2 ilustra com clareza as principais indagações que encontramos quando propomos a CSH como uma possível língua, visto que na maioria dos casos, ela é usada como complemento de informação. Ela está quase sempre atrelada a Libras tátil.

Pensar na CSH como uma língua, e não apenas como uma linguagem, é desvencilhá-la de qualquer outra possibilidade comunicativa utilizada pela pessoa surdocego. Desta forma, será possível entendermos melhor as características linguísticas dela.

Lathinem (2023) e Vilela (2022) já nos apresentam em seus trabalhos os haptemas como unidades mínimas para a CSH. Vilela (2022) ainda vai um pouco mais além e traça os paralelos entre os aspectos fonológicos da língua portuguesa, da libras e da CSH. Porém, sabemos que para ser considerada uma língua precisamos ir muito mais além.

Mas a primeira coisa que a gente precisa fazer aqui, quando vamos falar sobre língua, é definir o que é língua. Antes de tudo, a pessoa tem que dizer é a língua. Sussure vai dizer que a língua é uma massa amorfa dos pensamentos que você tem essas coisas sem forma é a língua, é a possibilidade que você tem de ter uma estrutura, de ter as forminhas, pegar essa massa amorfa colocar nas forminhas para as pessoas conseguirem se entender porque se você fala um fluxo de pensamento, conforme você está pensando, as palavras vão vindo e você só expressando e não tem uma estruturação do que está sendo dito, nos não nos compreendemos. Se eu só produzir sons com relação ao que eu sinto e que eu vou fazer, vocês não saberiam o que dizendo. Então, ele (Sussure) vai dizer que é você pegar essa massa de pensamentos de emoções de sentimentos de experiências e a gente colocar para conseguir se comunicar. Quando o bebê faz sons doidos e a mãe diz é mamãe ela está estruturando essa fala, esse pensamento solto e sem forma para conseguir estabelecer a comunicação então é um conjunto de regras que as pessoas partilham. E aí, ele (Sussure) fala do dos sons e também ele fala já naquela época sobre gestos e outras formas ele vai dizer que é linguagem, que faz parte da língua humana (Professora).

Na narrativa da professora, percebemos que ao partirmos da perspectiva do estruturalismo sussuriano, temos de entender que a língua é a expressão organizada do pensamento, e que a linguagem se daria como algo mais amplos, pois ela pode assumir as mais diversas formas. No início o que temos é uma quantidade amorfa de pensamentos, e a linguagem, que posteriormente irá se adequar a língua do local onde o falante vive, tem a função de organização desta massa amorfa.

Partindo desta narrativa, e trazendo para a nossa discussão, entendemos que assim como os sons são a base da comunicação das línguas faladas, os cinco parâmetros fonológicos da língua de sinais são a base para a comunicação das línguas sinalizadas, levantamos a hipótese e buscamos caminhos para sua sustentação, de que a base para as línguas sentidas através do tato, é o que Vilela (2022), intitula de parâmetros cinestésicos (Le Bretton, 2019).

A noção de social para Saussure difere da de Vygotsky e Bakhtin. Para Saussure, a língua é formada pela comunidade e o indivíduo não pode modificá-la, deve apenas aceitá-la e utilizá-la. A língua é definida como um sistema que possui elementos significativos interrelacionados. Este autor estudou a língua e a considerou o objeto de estudo da linguística, independente de seus falantes, pois a considerava como um sistema fechado em si mesmo, que deveria ser analisado com base nas oposições entre seus elementos constitutivos. A fala, considerada como o aspecto individual da linguagem, com características próprias dos falantes, não foi abordada pelo autor tão pouco as relações ideológicas. A questão social então, para Saussure, refere-se ao uso em comum, por toda a sociedade, de elementos linguísticos criados ao longo das gerações por esta comunidade, que se apresentam prontos para cada novo membro desta sociedade (Goldfeld, 2002, p.50).

Goldfeld (2002), traz uma reflexão importante, ao pensarmos na estruturação que se tem para o código linguístico. O autor nos reforça o pensamento saussuriano, que analisa a língua a partir de sua estruturação dentro de uma determinada comunidade. Salienta-se que a análise da língua para o autor citado, baseia-se na estrutura que está apresentava dentro de uma comunidade,

ou seja, esta estrutura pré-determinada, não poderia ser modificada por novos falantes. Entretanto, entende-se que a língua tem um valor social, e que a linguagem é a condição *si ne qua non* para desenvolvimento do código linguístico. Logo, ao se pensar na CSH, enquanto língua, partir do processo de aquisição da linguagem, é o primeiro passo. E este processo se dá de acordo com a percepção que o indivíduo tem do meio, desde o período peri-natal. Desta forma, a criança surdocega congênita, adquirirá a linguagem pelo meio tátil cinestésico. O que nos permite hipotetizar, que a língua a ser desenvolvida por este indivíduo será por este mesmo meio. Todavia, na atualidade, não há ainda, uma língua que represente esta comunidade, pois os sistemas linguísticos utilizados forma adaptados das línguas de sinais, ou das línguas orais, sem se pensar, especificamente, no surdocego congênito.

Desta forma, é possível o levantamento de algumas hipóteses secundárias: 1) a aquisição de linguagem de uma pessoa surdocega congênita se dará, principalmente através do tato; 2) existe a possibilidade de se identificar os parâmetros cinestésicos na CSH; 3) a CSH enquanto fonte de comunicação única da pessoa surdocega congênita pode apresentar as características necessárias para ser considerada uma língua.

E o que chamar comunicação social háptica de língua significa para quem está vindo da vertente finlandesa ou para quem está vindo da vertente norueguesa ou para cada um de nós? O que que significa por exemplo para uma pessoa que trabalha com escrita de sinais? O que é que isso significa para cada um de nós, nos nossos recortes teóricos nas linhas de pesquisa que a gente segue? (Professora).

A indagação da professora nos leva a refletir sobre todos os aspectos que temos levantado sobre o entendimento e o reconhecimento dos aspectos linguísticos dentro da CSH. Partirmos, neste primeiro momento dos aspectos

fonológicos, mas já venho temos nos indagado há algum tempo se não será necessário entendermos o que a neurociência nos traz a respeito dos processos neurobiológicos para a aquisição da linguagem e desenvolvimento da estrutura linguística que corroborariam para o entendimento da CSH enquanto uma estrutura linguística.

RESULTADOS

Nossa experiência, aqui relatada, é fruto das reuniões mensais realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Comunicação Social Háptica (GEPICHS). O grupo foi fundado no ano de 2022, tendo seu primeiro encontro no dia 24 de fevereiro de 2022.

O GEPICSH foi fruto da pesquisa de doutorado da Professora Dr^a Elaine Gomes Vilela. A referida professora promoveu um minicurso nos dias 12 e 13 de junho de 2021 sobre o uso da CSH partindo de um viés diferente daquele utilizado, até aquele momento no Brasil. O minicurso foi ministrado pela idealizadora da CSH partindo de um entendimento linguístico dela. A professora Riitta Lahtinen e seu esposo, o surdocego e musicoterapeuta Russ Palmer, nos apresentaram com um excelente minicurso.

Fruto deste primeiro encontro, surge o GEPICSH com o objetivo de estudar os achados teóricos da Riitta e Russ a respeito do uso da CSH como uma língua e transpô-los para a realidade brasileira. Os estudos se iniciaram e tivemos muitos aprendizados no estudo do livro publicado por Lahtinem e Palmer.

O grupo tem abrangência internacional, contando com a participação periódica de Riitta Lahtinem e Russ Palmer. Diversas narrativas surgiram deste primeiro ano dentro do grupo de estudos. Em 2023, o grupo publica, no 1^o Simpósio Internacional de Comunicação Social Háptica, Tecnologia Assitiva e Inclusão, o primeiro fruto dos nossos encontros, o Volume III da Coleção Pesquisas Narrativas (fruto do 1^o semestre de 2022)².

² Livro disponível no site da editora

Os encontros nos permitiram melhorar a nossa atuação enquanto guias- intérpretes. Nossas mentes foram abertas para as diversas possibilidades de interação e comunicação do CSH. Riitta e Russ, em um de nossos encontros, relataram como o uso da CSH foi de extrema importância durante um processo cirúrgico vivido por Russ. Antes do atendimento hospitalar, Riitta orientou os enfermeiros com os sinais hápticos a serem utilizados durante todo o procedimento, tal atitude trouxe segurança durante o processo a que ele seria submetido.

No segundo semestre de 2022, foram realizadas *lives* para a divulgação do grupo de pesquisa, os pesquisadores do grupo compartilharam suas contribuições sobre o tema da surdocegueira. Foram realizadas três *lives*.

Live 01 - “O que é o Grupo de Estudos voltado para a inclusão de Surdocegos e Comunicação Social Háptica”³ com a Professora Doutora Adriana Barroso de Azevedo, Líder do GEPICSH e a Professora Doutora Elaine Vilela co-líder do grupo, com a mediação do Professor Especialista João Paulo Navega Roque. Atualmente, a Professora Doutora Elaine Vilela é a líder do GEPICSH.

Live 02 - “Surdocegueira congênita e adquirida e a Comunicação Social Háptica”⁴ com a Professora Doutora Shirley Rodrigues Maia e a Professora Doutora Fernanda Cristina Falkoski com a mediação da Professora Doutora Elaine Vilela.

Live 03 - “O Instituto Benjamin Constant (IBC) e a Surdocegueira”⁵ com a Professora Doutora Marcia Noronha de Melo, Professora Doutora Flávia Moreira e Professora Mestre Thaís Bigate com a mediação da Professora Doutora Elaine Vilela.

O GEPICSH ainda desenvolve engajamento nas redes sociais como o *Instagram*⁶ compartilhando pesquisas, informações, formas de

3 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=s40PUuvrHFY&t=664s>.

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sqco5JAFnuc&t=161s>.

5 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w-Si0OQ_okM&t=392s.

6 Disponível em: <https://www.instagram.com/gepicsh/>.

acessibilidade, dicas de lazer e leituras, entre outros conhecimentos relacionados à inclusão e à comunicação social háptica.

O grupo também promoveu, no ano de 2023, o 1º Simpósio Internacional de Comunicação Social Háptica, Tecnologia Assistiva e Inclusão. O evento foi realizado de forma on-line e contou com participantes da América do Sul, América do Norte e Europa. No evento, houve o lançamento do primeiro livro, fruto das pesquisas do GEPICSH, contendo os memórias de cada participante do grupo.

Atualmente, o GEPICSH tem se dedicado a aprofundar seus conhecimentos na área de estudos da linguística para o desenvolvimento de um glossário para a CSH. O foco é criar uma base de consultas para os sinais hápticos difundidos dentro do que podemos chamar, de comunidade surdocega.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar nesta forma de comunicação e entender o caráter intercultural e cinestésico nos abre um leque de possibilidades imensurável. Há muito a se descobrir, muito que se estudar e as experiência vividas dentro do grupo de pesquisa no último ano, nos permite afirmar que a CSH ainda tem possibilidades de aplicação que surgirão à medida que nos debruçarmos sobre o tema.

Pensar na busca pelo entendimento da CSH enquanto língua, perpassará por diversos processos e envolverá diversas áreas de conhecimento. Neste sentido, o GEPICSH conta com uma gama de pesquisadores de diversas áreas, o que tem nos possibilitado pensar na questão levantada pelos mais diversos ângulos. O conteúdo presente neste texto reflete alguns dos resultados que o trabalho do grupo tem nos permitido alcançar. Mais estudos se fazem necessário para elucidar ainda mais as hipóteses aqui levantadas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Hélio Fonseca de. **Práticas de Interpretação Tátil e comunicação Háptica para pessoas com surdocegueira**/Hélio Fonseca de Araújo... [at al.]. – 1ed. – Petrópolis – Editora Arara Azul, 2019.

CADER-NASCIMENTO, Fatima Ali Abdalah Abdel; FAULSTICH, Enilde. **Expressão linguística e a produção escrita de surdocegos**. MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944, v. 1, n. 45, p. 108-127,

2016.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

GODFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2ª ed., 2002.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: 2010.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções: as paixões Ordinárias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

PALMER, R. & LAHTINEN, R. (1994). **Communication with Usher People**. In: Deafblind Education, 1994, July-December.

PALMER, R.; LAHTINEN, R. **Social-Haptic Communication for Acquired Deafblind People and Family: Incorporating Touch and Environmental Information through Holistic Communication**. DbI Review, 2005, January–June, p. 6-8.

VILELA, Elaine Gomes. **Surdocegos e os Desafios nos Processos socioeducativos: os mediadores e a Tecnologia Assistiva**. 2018.

PIZZIO, Aline Lemos; QUADROS, Ronice Müller. **Aquisição da Língua de Sinais**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2011. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/>

eixoFormacaoEspecific/aquisicaoDeLinguaDeSinais/assets/748/Texto_Base_Aquisi_o_de_l_nguas_de_sinais_.pdf. Acesso em 23 ago. 2024.

SOUZA, E.C. **O Conhecimento de si** – Estágio e narrativas de formação de professores. Salvador, BA, UNEB, 2006.

TREVISAN, Bruna [et. al.]. Teoria e pesquisa para a avaliação da linguagem oral. **Avaliação Neuropsicológica Cognitiva: linguagem oral**, Volume 2. SEABRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins (Organizadoras). São Paulo: Memmon, 2012.

VILELA, Elaine Gomes. **A Comunicação Social Háptica e suas vias de construção: narrativas e experiências de guias-intérpretes e pessoas com surdocegueira em processos formativos**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022. Orientação: Adriana Barroso de Azevedo. 2022.

VOLPATO, Laura. A preliminary description of haptics in Italian social-haptic communication: a phonological perspective. **Feast 2023**, [s. l.], 2. sem. 2023.